

ESPRESSO *Fantasma*



Tiago Valente

SECRET
SOCIETY

AVISOS DE CONTEÚDO

Crimes de ódio contra
pessoas LGBTQIA+

Homicídio

Homofobia e transfobia

Perseguição e situações
de perigo



*Para o meu avô, Abílio,
e para todos aqueles que acreditam que chávenas de chá
e histórias de mistério tornam qualquer dia melhor.*

Capítulo 1



Embora o cheiro reconfortante e familiar de manteiga e baunilha seja suave, torço para que se dissipe depressa.

Não apenas para evitar que os biscoitos de fantasma se queiem, mas para que essa sensação estranha e peculiar que acelera o meu coração, faz as minhas mãos tremer e consome cada centímetro do meu corpo também termine rapidamente.

Pelo menos quinze pessoas se encontram no salão do Espresso Fantasma. Todos se movimentam como se reproduzissem uma coreografia, desempenhando os seus papéis de forma segura e experiente enquanto se desviam dos objetos e dos pôsteres de filmes clássicos de terror. As três mulheres que conheci há algumas horas aproximam-se e, mais uma vez, penteiam-me o cabelo, espalham mais pó pelo acne no meu rosto e prendem um fio preto na minha camisa. Tudo acontece a uma velocidade tão absurda que faz com que pareça que elas têm pares extras de braços e mãos.

Arrependo-me de ter escolhido uma camisa axadrezada vermelha, já que o refletor à minha frente emana um calor que há muito tempo não se faz sentir em São Paulo. Embora a sua luz me ofusque maioritariamente, sei que o Gustavo está por perto.

— Tudo bem, Miguel? — pergunta a Mariana ao homem a seu lado, escondida atrás de uma câmara enorme. Ele acena com a cabeça e ela verifica as suas anotações mais uma vez, antes de

olhar na minha direção e dizer: — Responda a olhar para mim, sim? Ignore a câmara, finja que ela não existe. É apenas uma conversa entre nós.

Ela sorri para tentar acalmar-me, mas é um pouco difícil imaginar que um objeto aterrador cheio de botões e fios, capaz de capturar e transmitir a minha imagem para centenas de milhares de pessoas simplesmente não existe.

— Vamos, câmara! — grita uma mulher com um cachecol roxo.

— A gravar! — responde o Miguel no instante seguinte.

— Som? — grita a mesma mulher.

— Está! — exclama alguém que eu não consigo ver.

— Quando quiseres, Mari.

A Mariana ajeita o cabelo e olha-me fixamente nos olhos.

— Renan, como foi ver a sua história de amor tornar-se viral no Twitter?

Enquanto ela me faz esta pergunta, o meu olhar oscila e acaba por se focar no quadro pendurado na parede atrás da jornalista. A rapariga no póster de *A Noite dos Mortos-Vivos* parece falar comigo (apesar de estar a ser estrangulada por um demónio ensanguentado que saído da terra). Se Sam Raimi conseguiu criar um filme lendário tendo apenas uma boa história para contar e condições precárias de produção, eu consigo dar uma entrevista para o *Fantástico* sem transformar isto numa grande humilhação pública.

Assim, respiro fundo e falo sobre como eu e o Gustavo nos conhecemos.

Conto sobre o dia em que o Carlos, o meu patrão, anunciou que tinha contratado um novo funcionário e, de imediato, dezenas de imagens de possíveis empregados de mesa para um café temático de filmes de terror ganharam vida na minha cabeça.

Ainda que me orgulhe da minha criatividade, nenhuma delas conseguiu chegar perto de sua aparência real. Nem no cenário

mais otimista poderia pensar que, assim que os meus olhos encontrassem os do novo funcionário, os morcegos que decoram o salão do Espresso Fantasma alugariam um quarto no meu estômago e permaneceriam ali, a voar durante horas e a gerar sensações cada vez mais confusas.

O rapaz alto, gordo e de ascendência japonesa vestia um casaco cinzento e uma t-shirt do «Hellfire Club», de *Stranger Things*. Cumprimentei-o com um aperto de mão e ele puxou-me para um beijo na bochecha, antes de elogiar os meus ténis novos.

Nas semanas seguintes, perdi a conta às vezes que exagerei na quantidade de chantili, deixei massas de bolo queimar ou simplesmente me distraí ao admirar a simpatia e o sorriso que o Gustavo faz questão de exibir em todos os atendimentos, e que lhe deixam a barba aparada e o cabelo arrepiado ainda mais atraentes.

Na maior parte do tempo, o Carlos está ocupado a gerir todos os outros negócios e empreendimentos, o que significa que são várias as vezes em que eu e o Gustavo temos de lidar sozinhos com clientes famintos e furiosos. Devido à rotina intensa e aos desafios diários no café, aproximámo-nos em muito pouco tempo.

Durante os intervalos, descobri que ele é apaixonado por tecnologia e tem pavor de insetos, e conheci as sobremesas que a sua família preparava no Japão. Não demorou muito para que, num dos cantos da cozinha desarrumada devido a uma semana de muito trabalho, o primeiro beijo acontecesse (com sabor a doce de morango e mãos sujas de farinha).

Após semanas a encontrarmo-nos antes, durante e depois do horário de trabalho, o meu pedido de namoro — um pequeno bilhete escondido no Caixão Brownie do Drácula — foi aceite sem hesitação.

Estávamos na semana do Dia dos Namorados e a emoção no Twitter (recuso-me a chamá-lo de X) devido à data esfregava-me na cara milhares de declarações emocionadas, o que me encorajou a também partilhar a nossa história. Em poucos minutos,



a nossa fotografia a usar o avental do Espresso Fantasma e os tweets detalhados a contar a nossa história alcançaram centenas de gostos, que ao longo do dia se foram transformando em milhares e depois em centenas de milhar.

Quando fizeram uma montagem das nossas fotografias com a música «State of Grace», da Taylor Swift, confesso que chorei e me apercebi da proporção que a nossa história tinha ganho.

— E como foram os dias seguintes a esse fenómeno? — A Mariana segue as perguntas que tínhamos combinado. Não consigo deixar de notar como a sua voz soa diferente perante as câmaras.

— O café nunca esteve tão cheio! — digo, tentando ignorar a comichão causada pela gota de suor que me escorre pela testa. — As pessoas fizeram fila para conhecer «o café dos namorados do Twitter». — Faço as aspas com as mãos. — Contaram-nos sobre como se emocionaram ou se sentiram representadas com a nossa história. Houve até pessoas que copiaram a minha tática do bilhete no brownie!

— E qual é a sensação de ver tantas pessoas que se inspiram na vossa história?

— Acho que... — Tento pensar nalguma frase de efeito bem elaborada, mas sei que o nervosismo me vai atrapalhar, por isso opto pelo básico. — Acho que é a melhor sensação do mundo.

— Corta! — A mulher do cachecol roxo interrompe-me e meu sorriso desvanece. Tenho a certeza de que fiz alguma coisa errada, mas, quando todos voltam a movimentar-se no ritmo frenético de antes, percebo que eles apenas conseguiram o material que queriam.

A Mariana agradece e vai ao encontro da mulher do cachecol roxo.

— Arrasaste! — O Gustavo aproxima-se enquanto seco o suor com as costas da mão e tento parar de tremer.

— Mesmo?

— Descobrimos no domingo! — Ele ergue os ombros e ri-se.

O perfume cítrico dele, a expressão otimista e a t-shirt preta com uma ilustração de Mia Goth em *Pearl* são tudo o que preciso para me sentir mais calmo.

— Será que a Talita e o Jorge não vão ficar com inveja? — pergunta o Gustavo, referindo-se aos funcionários que assumem o café quando estamos de folga.

— Acho difícil, «padrões» como são, devem ter uma auto-estima inabalável. — Dou uma espreitadela pela janela mais próxima. — Há notícias do Carlos?

O Gustavo abana a cabeça.

— Nem sinal dele. Deve ter ficado preso na fábrica de colchões — responde ele.

— Ou na loja de miniaturas da Torre Eiffel — adivinho.

— Ou na distribuidora de gomas verdes.

— Gustavo? É a sua vez! — Um homem da produção do programa interrompe o nosso jogo secreto de adivinhar quais são os outros negócios do nosso patrão. O Gustavo dá-me um beijo rápido e é levado para gravar a sua parte.

Como sempre, ele mostra-se confiante e carismático enquanto conta sobre como o Espresso Fantasma, depois da popularização da nossa história, passou a ser um ponto conhecido em São Paulo pela quantidade de clientes da comunidade LGBTQIAPN+ que por aqui passa todos os dias.

Estão todos muito concentrados, por isso dirijo-me à outra parte do café com passos cautelosos. As paredes claras da cozinha contrastam com a explosão de cores das sobremesas espalhadas pela bancada. Todas inspiradas em filmes e livros clássicos de terror e mistério. Mesmo depois de meses a preparar as mesmas receitas diversas vezes, não consigo deixar de me sentir orgulhoso por ter criado cada uma delas.

Algumas dezenas de biscoitos de fantasmas encaram-me. As suas pontas levemente douradas transmitem que eles foram

cozidos na temperatura certa, durante o tempo exato. Aos poucos, aperto o saco de confeitiro para cobrir cada um dos biscoitos amanteigados com uma camada de glacê real, antes de desenhar os olhos e as bocas deles com corante alimentar.

O Gustavo continua a gravar no salão.

Estão a simular um «dia normal de trabalho», mas posso garantir que, nos dias normais, o Gustavo não fica tão sorridente enquanto varre o chão ou limpa o do pé da estátua do Freddy Krueger na entrada.

Já a equipa do programa parece comunicar em códigos e, na maior parte do tempo, gritos.

Apesar do barulho, sempre que me concentro na preparação de alguma receita, pareço entrar num mundo paralelo. Por alguns instantes, somos apenas eu, os ingredientes e todas as técnicas e lições que aprendi nos últimos anos. Como um químico, apenas preciso de fazer misturas exatas e utilizar quantidades adequadas para conseguir o resultado desejado, uma certeza que há muito tempo tem vindo a ser uma grande aliada para acalmar a minha mente ansiosa.

Depois de todo o nervosismo causado pela gravação, respiro fundo para não tremer conforme despejo glacê e decoro uma sobremesa tão delicada.

É por isso que não reparo no som da porta que separa o salão da cozinha a ser empurrada. Nem no tilintar dos acessórios pendurados no seu pescoço. Nem no ruído que os sapatos de salto alto fazem ao tocarem no azulejo do chão conforme se aproximam, aos poucos, de minhas costas.

— É bom nisso!

O susto que apanho resulta num rasto de glacê que agora se espalha da bancada ao chão da cozinha. A Mariana começa por se desculpar de imediato.

— Sem problema! A culpa é minha, na verdade. Desligo completamente quando estou a cozinhar.

— Percebo. — Ela ri-se e observa a confusão que acabei de fazer.

A Mariana é negra, usa uma camisa branca com detalhes em roxo e parece ter a mesma altura que eu, o que significa que é um pouco mais alta do que imaginava enquanto assistia ao seu programa.

— Sou igual quando estou a escrever. Vim só perguntar pelo seu patrão. Acha que ele ainda vai demorar muito?

— Na verdade, nós nunca sabemos. — Tento manter o meu olhar fixo no dela, mas o glacê que escorre pelo chão parece dizer-me que ela não sairá daqui tão facilmente. — Ele só aparece quando os outros negócios todos dele não estão com nenhum problema. O que é quase nunca — acrescento, enquanto vasculho uma gaveta próxima, em busca de algo que me possa ajudar.

— Mas ele sabia da reportagem, certo?

Encolho os ombros e ela respira fundo antes de tornar a falar:

— Olhe, também seria importante que ele participasse na reportagem, e... — Reparo que a Mariana hesita por um momento e cubro o chão sujo com um monte de papel de cozinha. Os olhos dela oscilam entre a bancada, os biscoitos e as outras sobremesas, como se estivesse à procura de inspiração para encontrar as palavras certas. — Bem, não sei se vai poder responder-me, mas não custa perguntar. Sabe dizer se ele é...

Observo as suas mãos gesticularem conforme ela fala e levo algum tempo até entender o motivo de sua insegurança.

— Hétero? — completo.

— Isso! — Ela solta o ar, nitidamente aliviada.

— Pelo que sei, sim.

— Ótimo! — Os olhos dela iluminam-se. — Seria incrível mostrar um patrão hétero que apoia um casal gay que trabalha junto!

Uma cabeça de gremlin com um grave erro de proporção e rosquinhas queimadas são cobertas por uma dezena de folhas de

papel de cozinha encharcadas. Fecho a tampa do caixote do lixo e volto-me para a Mariana novamente.

Penso em dizer que, tecnicamente, nós não somos um casal gay, porque eu sou bi, mas limito-me a responder:

— Pois... Acho que seria bom, sim.

Ela retribui o meu sorriso, tira um pedaço de papel do bolso e estende-o na minha direção.

— Se puder passar-lhe o meu contato.

Aceno com a cabeça e, depois de passar os olhos pelo seu nome, o e-mail corporativo e o número de telefone, guardo o cartão no bolso. Esgueiro-me para alcançar um dos biscoitos já prontos.

— Tome. Experimente um!

Depois de agradecer, ela segura o biscoito com as duas mãos. Uma expressão séria permanece no rosto dela durante todo o trajeto do fantasma até à sua boca. Após algumas dentadas, ela fecha os olhos e quase consigo sentir o açúcar a misturar-se com o seu sangue e a causar a reação natural de converter uma expressão séria num sorriso sincero.

— Uau! — diz a Mariana, cobrindo a boca com a mão vazia, já que alguns pedaços do biscoito ainda esperam para serem engolidos. — Isto foi... muito surpreendente.

— Obrigado — digo, movido pelo meu sol em capricórnio que me traz uma sensação indescritível ao ver o meu trabalho ser reconhecido. — Esta é minha receita favorita de biscoitos amanteigados.

— Deu para perceber porquê. — A Mariana volta a espreitar para as outras sobremesas. — Espero trazer a minha namorada aqui em breve.

Não demora até que a notícia dos biscoitos se espalhe pelo restante, chegando à produção. Eles interrompem a desmontagem dos equipamentos e um silêncio inesperado instala-se no Espresso Fantasma conforme todos provam os meus biscoitos.



Capítulo 2

— *E* se deitares um pouco de sangue por cima?
Penso por alguns segundos e chego à conclusão de que não é uma má ideia.

O Gustavo lambe o chocolate branco derretido nos seus dedos que, antes de ter sido devorado por ele, tinha a forma da máscara do Jason decorada com pedaços de biscoito.

— Podemos pedir à farmácia para entregar a lactase.

— Sem problema, confio no meu degustador oficial.

Faço alguns salpicos de «sangue» usando o corante vermelho e uma escova de dentes nova (pelo menos não é usada em dentes humanos — apenas nos de açúcar) e entrego mais uma máscara do vilão de *Sexta-Feira 13* ao Gustavo. Como sempre, os seus olhos iluminam-se e sua boca fina converte-se num leve sorriso, até se abrir com entusiasmo para receber o teste da nova sobremesa que quero acrescentar ao menu.

— Agora está perfeito!

— Eu só coloquei um pouco de corante, sabe ao mesmo.

— Coloco as duas mãos na cintura. — Porque é que *agora* está perfeito?

— Porque o apelo estético é responsável por cinquenta por cento da experiência do sabor. — Ele nem precisa de pensar antes de responder. — Aprendi com o meu namorado, o maior confeito do Brasil!

Ele aproxima-se e agarra-me pela cintura com as duas mãos enquanto me lembro da vez em que tive de convencê-lo que o tom do corante vermelho do balão do Pennywise (um cakepop que acompanhava um muffin de limão) alterava todo o sabor da sobremesa. O que não esperava era que ele fosse atravessar a cidade, num dia em que chovia torrencialmente, para me fazer uma surpresa e trazer o corante no tom exato.

Rio-me, como faço de todas as vezes em que o Gustavo decide atirar-me essa história à cara, e então estamos a beijar-nos de novo. De forma automática, os meus dedos procuram os fios curtos do cabelo na sua nuca.

— Obrigado pela ajuda — digo, assim que nos afastamos.

— Não agradeças já. Da próxima vez que o senhor «intolerante à lactose» se esquecer da medicação, vou cobrar dois beijos por degustação em vez de um.

— Aceitas pagamento adiantado?

Assim que nos reaproximamos para que eu pague a minha futura dívida, ouço a porta das traseiras a ser destrancada e, depois, aberta.

— Vou ver se está tudo bem no salão! — sussurra o Gustavo e, antes de sair disparado, despede-se com outro beijo rápido.

Volto a concentrar-me nas máscaras de chocolate, enquanto o Carlos faz o seu trajeto habitual.

Depois de entrar pela porta das traseiras, ele passa pelo escritório, deixa o casaco nas costas da cadeira, a bolsa com o caderno em cima da mesa e tira uma pastilha de canela (sem açúcar) de um pote de vidro escuro. Assim que termina de verificar as mensagens, coloca o telemóvel ao lado da bolsa e certifica-se de que tranca o escritório antes de vir até à cozinha.

Não preciso de estar por perto para saber de tudo isto, já que a sua rotina metódica faz com que ele repita os mesmos passos de todas as vezes, sem exceção. Termino de respingar o sangue pelo chocolate branco no instante em que o Carlos entra.

— Olá, Renanzão! Sobremesa nova? — Ele dá-me as tradicionais duas palmadinhas nas costas e suja o dedo com sangue comestível assim que experimenta a minha mais recente invenção.

Ele mantém o tom de «líder que motiva os seus colaboradores», que deve ter aprendido num dos milhares de cursos de empreendedorismo que frequentou ou nos livros com títulos sensacionalistas que leu, mas reparo no cansaço por detrás da sua expressão confiante.

A roupa que traz vestida está impecável, como sempre. A camisa branca parece ter sido feita sob medida para o seu tronco forte e os sapatos pretos continuam a reluzir, mesmo depois de um dia inteiro de trabalho.

Conheço o Carlos há anos, as nossas famílias são amigas desde a altura em que o Espresso Fantasma ainda não tinha aberto as portas, mas ainda fico um pouco nervoso quando converso com ele. Por mais que me sinta cada vez mais seguro com a qualidade do meu trabalho, a hierarquia entre patrão e funcionário desperta um certo desconforto em mim.

— Vi alguns fãs reclamarem no Instagram sobre termos poucas sobremesas de *Sexta-Feira 13*, por isso decidi criar mais uma.

— Acertaste em cheio! Está uma delícia — elogia ele, terminando de engolir o chocolate. — E como foi hoje?

— Hmm, tranquilo — minto, enquanto limpo as mãos num pano. — A entrevista foi mais rápida do que esperava. Eles também queriam entrevistar-te.

— Calculei que sim. Fiquei preso naquela reunião com o investidor e o trânsito estava mesmo terrível quando saí! — O Carlos tem vindo a falar e a reunir-se com este possível investidor para o Espresso Fantasma há meses. As reuniões parecem cada vez mais longas e ele parece estar cada vez mais stressado com esse assunto. — Fiquei horas parado na marginal Tietê, mas vocês devem ter tomado bem conta de tudo!

— A repórter deixou o número dela para entrares em contato.



Assim que o cartão da Mariana sai de minhas mãos, o toque do telemóvel do Carlos (um instrumental da abertura de *Os Caça-Fantasmas*) chega-nos do lado de lá da porta trancada do seu escritório.

— Toma conta de tudo aqui, por favor.

Ele segue na direção da música, e eu aceno com a cabeça porque era o que pretendia fazer, e o que já faço todos os dias da semana quando ele não está.



Apenas depois de organizar as sobremesas que já estavam prontas e o *mise en place* das receitas que são preparadas na hora é que percebo que algumas mesas do Espresso Fantasma já estão ocupadas, por isso levo a bandeja com as máscaras do Jason até à vitrine refrigerada do salão.

O Gustavo movimenta-se com rapidez e experiência, anotando os pedidos e servindo litros de café e chá em canecas pretas, todas com teias de aranha desenhadas. Apesar de alguns rostos desconhecidos, a maior parte das mesas está ocupada por clientes que nos são bastante familiares.

No canto direito, próximo à janela, está o Murilo. É um rapaz tímido, de óculos e t-shirt listrada que, aos fins de semana, faz espetáculos como Serena, a sua drag queen, no bar vizinho.

Ao seu lado, está a rapariga que até agora não descobrimos o nome porque ela apenas vem para tirar proveito do wi-fi (senha: *queosjogoscomecem*) e conversar por videochamada com a namorada, que vive na Argentina.

Não faço ideia de como o Gustavo conseguiu essa informação.

Numa das mesas do centro do salão estão os namorados Guilherme e Rafael. Eles foram os primeiros a chegar, logo no dia seguinte ao início de nossa fama virtual, e tornamo-nos amigos de imediato.

Eles cumprimentam-me e eu aceno-lhes de volta.

Perto eles, a Gláucia, a Letícia e o Leandro usam três palhinhas para dividir o mesmo milk-shake, já que o trisal está a economizar para a festa de casamento.

No canto esquerdo, a rapariga de casaco de vinil azul espera a pessoa com quem marcou o encontro desta semana. Eu tinha a certeza de que o encontro com o estudante de música na semana passada daria em alguma coisa, mas, aparentemente, não foi o que aconteceu.

Nitidamente ansiosa, ela agradece quando o Gustavo lhe entrega o chocolate quente e uma fatia de BeetleBolo (um bolo de massa listrada, como a roupa do Beetlejuice de *Beetlejuice: Os Fantasmás Divertem-Se*).

Quando me viro para observar a mesa próxima à janela, assim que os meus olhos encontram o cliente que ocupa essa mesa, sinto o familiar arrepio percorrer todo o meu corpo, os pelos dos braços e da nuca.

É sempre assim.

Os olhos escuros escondem-se por detrás das lentes grossas de uns óculos remendados, e uma boina velha e gasta cobre-lhe a cabeça. A barba apresenta mais fios brancos do que pretos, que se misturam ao aspeto pálido de sua pele. As suas mãos seguram com força a caneca de chá preto e as costas encurvadas mal se aproximam do encosto da cadeira. Exceto pelos momentos em que o homem toma goles curtos do chá e o seu olhar se mantém fixo num determinado ponto do espaço em volta. Como sempre, ele espera por alguém.

Não demora muito para que uma mulher vestida com uma camisola de lã bege entre no salão. Os seus olhos um tanto assustados passeiam por todas as mesas até encontrarem as costas do homem de boina. Com passos firmes, ela aproxima-se. Eles não trocam sequer uma palavra, mas o homem tira do bolso das suas calças um pequeno pacote embrulhado em papel pardo, colocando-o em cima da mesa. Depois de alguns segundos de hesitação,

a mulher pega no pacote e, no exato lugar da mesa onde este estava, deixa um envelope branco.

Após a partida apressada da mulher, o homem bebe o resto do chá de uma só vez, antes de se levantar e bater com a porta atrás de si. Só então percebo que o meu corpo esteve num estado de suspensão durante todo este tempo, enquanto tentava observar por detrás do balcão a movimentação rotineira do homem que o Gustavo acredita ser um detetive particular, mas que eu tenho a certeza de que vende drogas pela Internet.

Ainda assim, a sua inexpressividade consegue impressionar-me e assustar-me de uma maneira que, até hoje, poucos filmes de terror conseguiram.

— Elas chegaram! — O Gustavo vem na minha direção, substituindo a imagem do homem na minha mente pela do seu rosto animado.

Espreito por cima do seu ombro, a tempo de ver a Isabela e a Luana ocuparem a sua mesa favorita.

A Isabela é ruiva e tem uma personalidade calma e doce. Ela parece ter uma coleção de camisas floridas, pede sumo italiano e não consegue passar mais de dez segundos longe do telemóvel. Já a Luana é mais séria, tem uma tatuagem de onça-pintada, traz sempre vestido uma t-shirt de uma banda de rock, e eu levei algum tempo até entender e me habituar ao seu humor irónico. Elas namoram há três anos e faz quatro meses que foram morar juntas. Ainda assim, a constante demonstração física de afeto e carinho entre ambas faz com que qualquer um pense que são um casal em início de relacionamento.

Pouco depois de começarem a frequentar o Espresso Fantasma e se aproximarem do Rafael e do Guilherme, a Isabela e a Luana convidaram-nos para uma maratona de jogos de tabuleiro e filmes de terror em casa delas, o que estreitou ainda mais a nossa relação. Nós seis formamos o grupo de amigos que, atualmente, é o meu favorito.

Acho que o fato de não ter ingressado na faculdade assim que terminei o ensino secundário fez com que os poucos amigos que fiz na escola me vissem como alguém completamente perdido ou inferior a eles. O problema foi que, depois de comentar numa aula de orientação vocacional que tinha interesse em estudar gastronomia, a notícia espalhou-se por toda a escola e fui motivo de piadas pelo resto do ano, já que queria seguir uma profissão de «mulherzinha». O bullying que sofri foi tão intimidador que bloqueei completamente no momento de me inscrever para o exame de ingresso no ensino superior, estando certo de que alguém descobriria o que preenchi na opção de curso e uma nova onda de perseguição se iniciaria.

O resultado foi que todas as promessas daqueles que ainda acreditava serem meus amigos, de que manteríamos o contacto e nos continuaríamos a encontrar mesmo depois da nossa formatura, não duraram nem uma semana.

Durante muito tempo, pensei que o resto da minha vida seria marcado por esse sentimento de não pertença e solidão, mas o meu namorado e os meus novos amigos apareceram para provar o contrário. Com eles, sinto-me seguro e livre para me expressar da forma que eu quiser. Um tipo de liberdade que, até então, ainda não tinha experimentado.

— Os biscoitos estão na cozinha? — sussurra o Gustavo, tentando evitar que a Isabela ouça.

— Deixa estar, eu vou buscá-los.

Termino de organizar as máscaras de chocolate na vitrine e volto para a cozinha, torcendo para que o Carlos ainda esteja no seu escritório.

A fornada de biscoitos de fantasma feita especialmente para a Isabela continua num canto afastado da bancada, para garantir que não é confundida com outras fornadas.

Com cuidado, transfiro os biscoitos para um prato e, quando procuro pelo cartão que eu e o Gustavo escrevemos, ouço o

Carlos a aproximar-se, estragando a minha tentativa de fazer uma surpresa sem ter de lhe pedir autorização.

— Eu acabei de falar com o fornecedor do chocolate... — Ele interrompe-se quando o seu olhar encontra o prato de biscoitos. — Alguém gosta muito os teus biscoitos, hein? — O Carlos ri-se.

Okay, preciso reunir os argumentos mais convincentes em poucos segundos e garantir que isto não será um grande prejuízo para a empresa.

— A Isabela é uma cliente que vem todas as semanas. Ela e a namorada adoram os biscoitos fantasma, já devem ter pedido uns mil. Como hoje é o aniversário dela, o Gustavo teve a ideia de servirmos uma cortesia. — Esboço um sorriso claramente forçado, porque sei como ele odeia a palavra «cortesia».

— E a cortesia é uma fornada *inteira*?

Paraliso por alguns segundos, mas forço a minha cabeça a acenar para cima e para baixo, para cima e para baixo.

Ele cruza os braços e respira fundo.

— Elas vêm sempre aqui, certo? Ela e a...



— E a namorada, isso mesmo — completo, e os segundos arrastam-se como minhocas de açúcar até ele relaxar os braços e encolher os ombros.

— Bem, se dizes que são clientes assim tão fiéis, merecem uma comemoração especial, não é? — Ele sorri antes de deixar a cozinha a passos largos.

E eu permaneço onde estou, sem saber o que fazer enquanto ouço o Carlos abrir a porta do seu escritório e, segundos depois, mexer na sua bolsa.

— Por coincidência — começa ele, voltando à cozinha —, um sócio deu-me isto hoje de manhã.

Ele estende-me um pacote transparente.

Semicerro os olhos e consigo ver, entre as duas folhas de plástico, um pó prateado e extremamente brilhante.

— Isso é...

— Glitter comestível. Ele tinha uma fábrica de doces, estava a mostrar-me alguns dos produtos que sobraram e achei que pudesses gostar de usar nalguma receita.

Um sorriso tímido, mas inevitável, preenche-me o rosto pelo simples facto de o Carlos se ter lembrado de mim numa reunião com outro sócio.

— Obrigado, vai ficar incrível!

Abro o pacote e, usando as pontas dos dedos, espalho o glitter pelos biscoitos com cuidado. Os fantasmas amanteigados assumem agora um aspecto mais sofisticado e tenho a certeza de que a Isabela vai adorar.

Enquanto lavo as mãos para tirar o resto do glitter que me ficou colado aos dedos, reparo no Gustavo a aproximar-se e colocar o cartão de aniversário na borda do prato. Os olhos dele arregalam-se assim que ele repara nos discos cintilantes quase minúsculos que agora cobrem os biscoitos.

Trocamos um olhar cúmplice e seguimos juntos até o salão. A Isabela leva alguns segundos para desviar o rosto do ecrã do seu telemóvel e perceber que estamos a dirigir-nos a ela.

Assim que o Gustavo coloca o prato no centro da mesa, começa a bater palmas e a cantar. Eu e a Luana juntamo-nos automaticamente e o Rafael e o Guilherme também não perdem tempo e aproximam-se. Não demora muito para que todo o restaurante cante os parabéns à rapariga que, apesar de um tanto envergonhada, faz questão de filmar tudo.

— Meu Deus, têm glitter! Amor, já viste? — pergunta a Isabela, quase histérica, e a Luana aproxima-se para examinar os biscoitos, aproveitando a oportunidade para pegar num deles. — Esta foi a melhor surpresa que já recebi em toda a minha vida!

Depois de conseguir a fotografia perfeita dos biscoitos à sua frente, a Isabela abraça-nos com força. Durante o abraço, consigo ver os lábios da Luana a encher-se de glitter conforme ela dá a primeira dentada.

— Ei! E a *minha* surpresa? — pergunta a Luana, indignada e ainda com a boca cheia.

— Eu adorei o colar, mas sabes que trocaria até o maior diamante do mundo por comida! — responde a Isabela.

— Fixe, não é? A Luana gastou milhões e podia só ter comprado um pacote de Trakinas no mercado — comenta o Guilherme e todos se riem.

— Okay, vou corrigir. — A Isabela finge pigarrear duas vezes. — Eu adorei muuuito o colar e foi uma surpresa tão incrível quanto ter uma versão exclusiva e cintilante dos meus biscoitos favoritos! Melhor?

— Mas vou ter de concordar, isto está maravilhoso! — A Luana termina o seu biscoito e lambe o glitter dos dedos. — Ei! São da Isabela! — grita ela para o Rafael, que estica o braço para alcançar um dos pequenos fantasmas.

— Ela disse que eu podia tirar um!

— Ela só estava a ser educada. — O tom da Luana não ajuda a perceber se ela está a brincar ou a falar a sério.

— Tu podes comer e nós não? — contesta Guilherme.

— Nós somos um casal com comunhão de bens — responde a Luana.

Mesmo tratando-se de uma brincadeira, o Rafael desiste da ideia de experimentar um dos fantasmas cintilantes.

— Mas o colar fica-te realmente incrível! — comenta o Rafael, numa tentativa bem-sucedida de mudar de assunto. A minha atenção direciona-se de imediato para o fio prateado que contorna o pescoço da Isabela. — Vocês vão hoje, certo?

— Onde?

— A Isabela convidou-nos para a festa dela. — responde o Gustavo, abraçando-me.

— É hoje à noite, no Dionísio! — completa a Isabela. — Vêm?

— Como é óbvio — respondo, esboçando um sorriso, por mais que não faça ideia do que é o «Dionísio».

Conversamos por mais alguns minutos antes dos outros clientes chamarem o Gustavo para novos pedidos. A felicidade pelo sucesso da surpresa toma conta de mim e decido que tenho de agradecer ao Carlos por apoiar a nossa ideia.

Encho mais algumas canecas com café antes de voltar à cozinha e, assim que me aproximo do escritório do Carlos, ouço-o gritar.

Não é um grito de advertência como os que eu já ouvi dele. Por mais que não entenda exatamente cada palavra sua, a entonação parece defensiva. Ouço o impacto da sola de seu sapato contra o piso conforme ele caminha pelo espaço e continua imerso na conversa. Penso em aproximar-me um pouco para tentar identificar algumas palavras, mas a sua agressividade crescente faz com que eu fique paralisado no meio do corredor.

Após mais alguns segundos, o Carlos abre a porta com força e, por sorte, não repara na minha presença.

— Eu só preciso de algum tempo para resolver tudo! — grita ele, zangado, e deixa o café, saindo pela porta das traseiras.

A minha mente imagina mil hipóteses para o que possa ter deixado o Carlos nervoso como nunca o vi, mas sei que é inútil tentar adivinhar sozinho, por isso volto para as minhas tarefas na cozinha.



— Meu Deus, finalmente! — Depois de a rapariga-de-nome-ainda-misterioso terminar a sua chamada de vídeo com a namorada na Argentina e pagar a conta, o Gustavo tranca a porta do café e começa a contar a caixa. — Elas entraram numa discussão sobre usar luz branca ou amarela na sala do futuro apartamento, um que ainda terão um dia, e achei que não ia ter fim.

— Estou a ver, e tu praticamente a expulsaste levando-lhe a conta sem ela ta pedir. — Enquanto conversamos, passo pelos caixotes de lixo da cozinha e do salão, recolhendo todos os sacos.

— Eu estava quase a agarrar no telemóvel e a gritar com a namorada dela: «Para de ser doida! Luz branca deixa a sala a parecer uma farmácia, esse apartamento só existe na imaginação de vocês as duas e JÁ CHEGA DESTE ASSUNTO!» — grita o Gustavo para o telemóvel imaginário na sua mão, fazendo-me soltar uma gargalhada.

— Discordar sobre a cor da iluminação da casa é motivo suficiente para acabar um relacionamento?

— Definitivamente! — responde ele, sem hesitar. Depois de alguns segundos, arregala os olhos e vira-se para mim. — Não me vais dizer que tu...

— Eu também sou da equipa «luz amarela» — afirmo e ele suspira, colocando a mão no peito.

— Ufa! Podemos continuar a namorar.

O Gustavo beija o topo da minha cabeça quando passa por mim e segue na direção dos cacifos onde guardamos as nossas coisas, que ficam depois da cozinha.

Acabo de reunir todos os sacos pretos e, tal como faço sempre, permito-me a um segundo para observar o salão vazio, depois de mais uma noite a servir as minhas sobremesas e a conseguir manter tudo sob controlo apesar da correria.

Em silêncio, torço para que as combinações de sabores que habitam na minha mente e ganham vida na cozinha alcancem cada vez mais pessoas e que elas possam continuar a ser o meu sustento.

Vai acontecer. Pelo menos, eu espero que aconteça.

Deixo os meus devaneios para depois e apercebo-me de que me esqueci de fechar um dos sacos maiores.

Então, agarro no plástico preto com as duas mãos e começo os movimentos para fazer um nó e impedir que o saco se abra no trajeto até à rua.

A experiência adquirida ao fazer isto quase todos os dias leva as minhas mãos a movimentarem-se a alta velocidade, mas,

ainda assim, um pouco antes de apertar o nó, reparo num guardanapo com uma mancha vermelha a encarar-me do topo da pilha de lixo.



Espresso Fantasma: o icónico café temático de filmes de terror aguarda por ti.

Ponto de encontro queer na cidade, este é o lugar onde começou a história de amor de Renan e Gustavo... e onde podes juntar-te a eles para solucionar um crime inesperado!



Penguin
Random House
Grupo Editorial

seekthebutterfly.pt
secretsocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-596-157-3



9 789895 961573

